

Durval Checchinato

Campinas, 30 de julho de 2003.

Caro Manoel,

Acabo de ler "Notícias do Brasil II" onde me descubro como um de seus inúmeros interlocutores. Penso também que você anunciou meu trabalho sobre traduções na capa, mas ele não consta no volume 171. Você mo prometeu para agosto/2003.

Muito bom o que você escreve. É verdade que é crescente a produção literária, universitária relacionada à psicanálise.

Mas, permita-me, prossigo ainda.

Você não se posiciona: você apenas constata o que está acontecendo em universidades e em instituições. É a posição do editor, a do jornalista, ou simplesmente opção determinada.

Mas e a do psicanalista "tout court"?

Você notifica que os que se queixam de crise de psicanálise, na verdade o fazem por crise pessoal, por falta de análise suficiente. Você, sempre bem informado, deve ter suas razões para essa afirmação.

Mas será que não há razões estruturais importantes em que ensino universitário e formação psicanalítica se opõem radicalmente?

Quando você afirma que o "espírito universitário supõe uma uni(dade) na (di) versidade = ambiente propício para o avanço do conhecimento baseado no intercâmbio de idéias entre posições diferentes", acredito, como você, defendo mesmo, que a psicanálise tem que ser apreciada sob seus múltiplos aspectos pela universidade. Ela é mais uma "idéia" a respeito do conhecimento do ser humano, sobretudo de sua desrazão.

Mas quanto à psicanálise em si e à formação de analistas ou seja à verdadeira transmissão da psicanálise, penso que ela nos impõe seu caráter disruptivo, que ela não pode ser entendida como "ciência" da universidade uma vez que seu saber pouco tem de universal. Lacan ousa defini-la como "ciência do particular". Em todo caso sensu stricto, ela é uma prática eminentemente clínica que tem o inconsciente como objeto. Ou seja, "a psicanálise em si nada tem a ver com o discurso que dela fala"(Perrier).

Com outras palavras, como o inconsciente é irreduzível, não resta ao psicanalista e ao psicanalisando senão reinventar a psicanálise em cada caso, pois caso contrário não seria a "ciência" do sujeito.

Parece-me que talvez você não leve tanto em conta essa radicalidade em seu editorial quando fala da psicanálise na universidade ou em instituições que simplesmente replicam o ensino universitário na formação(?) de novos psicanalistas. Não seria adotar a política da avestruz não constatar como cursos de pretensa formação psicanalítica se baseiam em ensino de três ou quatro anos e todos os alunos, sem exceção alguma, que perfazem as exigências curriculares, acabem "nomeados", "diplomados" analistas?

Aliás, não seria também adotar a política da avestruz ignorar o quanto numerosas pessoas assim denominadas se provam incapazes de conduzir o tratamento analítico e conseqüentemente a cura de pacientes?

Você não deixa de nomear os cursos de psicologia onde há um pretenso curso de treinamento de psicólogos na assim chamada "clínica analítica". Tenho constatado que isso é um verdadeiro desastre para a psicanálise e para equívoco dos alunos que são iludidos com dicas de interpretose que simplesmente eliminam o sujeito, isto é, aquilo que é específico à psicanálise. É um embuste. Aliás, como diz Lacan, toda vez que a psicologia trata do ser humano, elimina-o como sujeito.

Eu me pergunto: qual é o sentido de manter essa prática se ela confunde e pouco ou nada contribui para as "idéias universitárias" e sobretudo para a clínica psicanalítica?

Ao descrever o percurso universitário do "Professor Extraordinarius" talvez você não tenha sido bastante fiel aos fatos: falar em universidades, freqüentar professores universitários foi um momento da vida dele. Verdade é que ele só descobriu a psicanálise ao se libertar (e a que duras penas! Vide Breuer!) da universidade e de seu discurso. Cedo Freud entendeu que a psicanálise é uma experiência ((Erfahrung) única e uma vivência (Erlebnis).

"A significância dos Sonhos", "A Psicopatologia da Vida Cotidiana" e o "Chiste" por serem ridículas para a universidade de seu tempo e, por proporem a psicopatologia do cotidiano, caíram no olvido, só sobreviveram na reunião de quarta-feira e voltaram ao público dez anos depois. Se Freud não tivesse rompido com o ensino universitário a psicanálise não teria sido possível. Tanto é verdade que embora tenha conservado o título honorífico de "Professor" (ponto cego?), ele jamais voltou a lecionar na universidade. Vide o que nos escreveu sobre a "Layenanalyse", embora ouse aí sonhar com uma Faculdade de Psicanálise! Há uma contradição estrutural entre saber universitário, o saber que se sabe e se repete ad nauseam, e o "saber que não se sabe" que é o saber do inconsciente. Aquele tem uma epistemologia, este apenas uma doxologia, aquele classifica e a psicanálise constata que "o lugar do sujeito fica vazio nas classificações" (M. Mannoni).

Os "analistas" formados ao estilo do ensino universitário acabam se frustrando porque terminam por não conseguir formar clínica. Por isso penso que decididamente a análise pessoal é a instância verdadeiramente formadora de novos analistas. Só ela opera a verdadeira transmissão porquanto apenas ela possibilita que o analisante apure o seu desejo de ser analista, única garantia que pode sustentar a clínica. O analista que se acha capacitado por ter feito um "curso de psicanálise" passa a exercer a profissão movido pela sua vontade ou ambição mas não pelo desejo, único sustentáculo da clínica psicanalítica; fracassará com certeza! A clínica psicanalítica tem sua especificidade. É preciso apreendê-la, ela exige um tirocínio não raro frustrante senão doloroso.

Verificamos que muitos que se intitulam psicanalistas acabam não usufruindo do poder de cura da psicanálise que supõe a transferência como neurose e as duas regras fundamentais como conditio sine qua non do trabalho com o inconsciente: a da associação livre e a da abstinência. Qualquer afrouxamento nesses três parâmetros introduz uma relação imaginária dual entre o analista e analisante e, ipso facto, fica anulada a relação terciária com o Outro, única, absolutamente única instância da verdade, a verdade do sujeito. As duas colunas que sustentam a clínica psicanalítica, o Édipo e a castração, ficam abaladas!

Pode até haver terapia, mas não análise.

Esta relação é única, porque ela é específica à psicanálise. Ela é difícil, cruelmente difícil, mas sem ela não há possibilidade de reinventar a psicanálise na originalidade de cada paciente. Caso o analista não tenha vivenciado (Erlebnis) esse processo de inquirição da verdade dele como sujeito, graças a um "naco de sua carne" (Erfahrung), ele poderá ser um terapeuta, mas jamais um psicanalista. Penso que é necessário que se tirem a fundo as conseqüências da regra da abstinência, caso contrário a análise desliza fácil para um jogo de "imaginário sugerido".

Tenho por mim que a radicalidade disruptiva da psicanálise a coloca fora do saber universitário. O saber sobre o desejo, o saber sobre o sujeito que o suporta não pode ser objeto do saber universitário. Pois que o objeto desse saber são as idéias, os fenômenos, tudo o que seja redutível sobretudo à matemática. Esses saberes são obstáculos (resistência!) à escuta

analítica. A posição do analista é de uma angústia permanente, difícil de suportar. Que é isso? Escutar, puramente escutar, despojar-se de todo saber (sobretudo o universitário), anular-se em tudo exceto no desejo de ser analista! Que vocação é essa: se prestar a um contínuo de-ser?

Resgatar a psicanálise no saber universitário é um empreendimento que faz sentido, mas não é psicanálise, é conseqüência dela. Com você, eu me pergunto, será que esse disseminar da psicanálise universitária não está criando uma imensa resistência à psicanálise, tornando-a uma ficção frouxa, roubando-lhe a robustez, fazendo-a morna senão medíocre?

Meu caro amigo Manoel, sinto-me feliz de poder encontrar em você um interlocutor.

Normalmente os analistas (eu sou um deles!) são muito chatos. Folgo em tê-lo aberto a tudo e a todos.

Com um abraço afetuoso, Durval